

Artigo

Os desafios Educacionais e o Anseio pela Paz: a contribuição de Agostinho de Hipona para pensar a Educação

Caio Henrique Esponton¹

Resumo

Pensar a educação em tempos pós-modernos constitui um desafio. Em tempos marcados pela rapidez e pela fugacidade dos momentos, pensar processos que se desenvolvem a longo prazo parece inviável. Todavia, a educação é uma condição necessária e indispensável na formação do ser humano integral e capaz de se localizar no interior de um cosmos e de uma história que ao mesmo tempo são determinantes para sua existência, mas também exigem do ser humano certa colaboração. Colaborar para redefinir os rumos da história e da sociedade torna-se pouco a pouco o horizonte maior no qual a educação encontra esperança. Neste sentido, este artigo visa abordar a questão da educação e o anseio pela paz a partir de uma análise panorâmica e sintética dos desafios educacionais presentes na pós-modernidade. Tendo em vista a situação educacional em linhas gerais, intentar-se-á desenvolver propostas que favoreçam uma educação para a paz compreendendo a educação como um processo a longo prazo que deve ser motivado pela esperança. Por fim, como base teórica para a compreensão da educação como um processo integral que leva o ser humano a se colocar sob nova perspectiva diante de sua existência, apresentar-se-ão as contribuições de Agostinho de Hipona para pensar a educação e como estas contribuições podem corroborar na construção de uma educação que anseie pela paz.

Palavras-chave: Educação; Esperança; Paz; Pós-modernidade; Santo Agostinho.

Abstract

Thinking about education in post-modern times is a challenge. Thinking about processes that develop over the long term seems unfeasible in times marked by speed and fleeting moments. However, education is a necessary condition in the formation of an integral human being who can locate himself inside a cosmos and a history that are, at the same time, determinant for his existence, but that also demand from the human being a certain collaboration. Collaborating to redefine the directions of history and society gradually becomes the major horizon in which education finds hope. In this sense, this article aims to address the issue of education and the longing for peace from a panoramic and synthetic analysis of the educational challenges present in post-modernity. Considering the educational situation in general terms, it will attempt to develop proposals that favor an education for peace, understanding education as a long-term process that must be motivated by hope. Finally, as a theoretical basis for the understanding of education as an integral process that leads the human being to put himself under a new perspective before his existence, we will present the contributions of Augustine of Hippo to think about education and how these contributions can corroborate in the construction of an education that yearns for peace.

Keywords: Education; Hope; Peace; Post-modernity; St. Augustine.

Introdução

A educação na contemporaneidade encontra-se diante de vários desafios que interpelam os docentes e pesquisadores a redefinirem caminhos e buscarem alternativas. Estes desafios, porém,

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Mestrado em Ciências da Religião. R. Professor Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <caio.h@hotmail.com>.

apresentam-se como sinais de uma situação maior e mais complexa no qual a educação constitui apenas uma face. Ora, é a partir da compreensão da complexidade do mundo contemporâneo que se pode pensar a educação com certa consistência. Os antigos modelos fundamentados na disciplina rígida, na memorização e na presença onipotente do docente já estão superados (SILVA, 2010, p. 36). Atualmente, emerge uma nova perspectiva a partir da qual as posições e relações dentro do processo de ensino-aprendizagem são redefinidas, buscando uma maior valorização do estudante como agente ativo no processo e não simples receptor de informações.

Educar também é uma realidade que está além dos limites da escola. Pensar a educação apenas em relação ao ambiente escolar é uma redução ao conceito e à prática educacional. Na sociedade humana, tal como foi estruturada principalmente pelo mundo ocidental, tudo se apresenta como fator constituinte de um processo educacional que é amplo, complexo e diversificado (ADORNO, 2021, p. 15). O fato de que o ser humano deve se inserir no mundo implica em um mundo que o acolha e apresente a ele normas e padrões para a constituição de uma boa convivência comunitária. São estas normas e padrões que formam as bases para a educação de cada ser humano, sendo apresentadas pela família, pela sociedade mais próxima e, posteriormente, ao longo da vida, pelas diversas instituições sociais com as quais o sujeito terá contato.

Isto posto, faz-se necessário elucidar que o processo educacional no qual todos os seres humanos, enquanto seres sociais, racionais e comunicativos, estão expostos, encontra-se em uma grave crise. A crise deste processo origina-se na falta de clareza para o qual ele se tensiona. Educar para quê? A falta de consciência acerca dos objetivos do processo educacional colabora para que paulatinamente ele entre em um processo de esfacelamento (ADORNO, 2021, p. 152). A fragmentação e a dissolução da educação social, escolar, familiar e religiosa, no período pós-moderno, deve-se à imediatividade do presente vivido por pessoas de todas as gerações. Presos ao instante, ao imediato e ao fugaz, a educação não consegue estabelecer objetivos a longo prazo e estruturar projetos que visem acompanhar o sujeito em todos os momentos de sua trajetória.

Neste sentido, este artigo intenta abordar a temática de uma educação para a paz a partir deste cenário de desafios e incompreensões que este processo experimenta na contemporaneidade pós-moderna, como também pensar a educação objetivada para a paz, ou seja, para a construção de uma sociedade na qual a paz seja o imperativo de ordem e convivência. Educando para paz, tal como foi expresso pela conferência do Cardeal Giuseppe Versaldi que embasa este texto, o ser humano recupera aquela ordem original desejada pelo Criador e possibilitadora de vida. Enfim, as contribuições de Santo Agostinho para uma leitura mais profunda do processo educacional visa retomar as antigas compreensões da educação como um processo holístico que integra a totalidade da existência e pode colaborar na atualidade.

Os desafios educacionais

O conceito de pós-modernidade encontra-se em constante discussão. Fala-se de hipermodernidade ou modernidade-tardia. Entretanto, há um consenso de que a contemporaneidade possui características radicalmente diferentes daqueles presentes em períodos anteriores da história (LYOTARD, 2021, p. 17). O modo de ser humano, de vivenciar a história, o

tempo, as relações e as estruturas, está fortemente marcado por uma nova perspectiva na qual a imediatividade, a liquidez, a subjetividade e a busca por uma autonomia não pensada criticamente, tem se estabelecido como situações existenciais cada vez mais gritantes no seio das gerações mais novas. Além disso, o fortalecimento de ideias de extremistas, o fundamentalismo, o retorno ao passado reconstruído de modo lúdico, o apelo à violência e o renascimento de uma extrema-direita que flerta com antigos regimes totalitários, expressa o anseio por uma sociedade ordenada e cosmologicamente objetivada. Há uma tensão sempre presente na sociedade contemporânea entre o desejo de solidez e rigidez, e a vida em sua fugacidade vivida pelas gerações mais jovens.

É a partir desta característica tensional que se pode pensar a educação na pós-modernidade e seus desafios. A educação como um processo que toca a totalidade do indivíduo e visa sua mudança não se desenvolve exteriormente ao tempo e à sociedade na qual os sujeitos estão inseridos. O processo educacional é um processo sempre presente, sempre desenvolvido no interior do tempo atual. Neste sentido, os desafios educacionais da pós-modernidade dizem respeito unicamente a este período da história, e devem ser respondidos com as reflexões que nascem exclusivamente deste contexto. Por isso, num primeiro momento da reflexão, o pensar sobre a pós-modernidade faz-se necessário como pano de fundo a partir do qual a educação pode pensar a si mesma. No segundo momento, a partir de uma análise de campo experimental, como educador, objetiva-se expor como a educação tem sido suplantada por outros meios de influência que nem sempre corroboram para a construção de uma sociedade da paz.

A pós-modernidade como contexto histórico-social de crise

A pós-modernidade é marcada pelo elemento da crise. A crise apresenta-se ao longo da história como um fenômeno forjador de mudanças. Normalmente, nos momentos de crise a sociedade humana se reinventa e elabora novos projetos de ser e viver que garantem sua continuidade no tempo (BOFF, 2011, p. 27). A crise pós-moderna é marcada pelo ocaso das antigas concepções de mundo que se construíram ao longo da modernidade, especialmente a concepção de mundo racional e empírica formada pelo cientificismo dos séculos XVIII e XIX. O declínio do paradigma racional moderno e as dúvidas quanto ao modelo científico estabelecido tem originado a necessidade de se repensar o próprio ato de conhecer. Exige-se que no processo de conhecimento e relação com o mundo a antiga dicotomia entre sujeito e objeto seja superada em favor de novos tipos de relação (OLIVEIRA, 2003, p. 25).

Além do paradigma do conhecimento, o desaparecimento das grandes utopias que marcaram a humanidade ao longo do tempo levou o ser humano pós-moderno a experimentar uma existência mais imediata, caracterizada pela rapidez e pela liquidez das relações sociais, familiares e transcendentais. O futuro e a história são duas grandezas desconsideradas pelas gerações mais jovens. Fala-se de uma geração que superou a história, pois uma vez que não tem mais perspectiva de futuro, também não se importa mais com o passado. Fecha-se em um mundo presente, imanente, restrito ao que se pode viver aqui e agora sem necessariamente compreender-se como um sujeito inserido num processo maior. Aspectos universalizantes do pensamento e da cosmovisão também têm sido fortemente excluídos do campo de visão comum. Há uma valorização do particular daquilo que se encontra imediatamente ao redor de um sujeito,

sem que se percebam as complexas relações entre o particular e o universal na trama da existência (OLIVEIRA, 2003).

Por isso, a contemporaneidade é marcada por uma grande crise, que no mundo religioso é caracterizada como desordem. A cosmovisão religiosa ocidental que está na base do pensamento contemporâneo, mesmo que constantemente rejeitada, marca a ideia de uma certa ordem a partir da qual o cosmos se organiza. Agostinho defende que esta ordem é criada por Deus e capaz de ser descoberta pelo homem. Para este pensador, assim como para os pensadores e utópicos do Ocidente, a ordem do cosmos é um elemento inalienável na constituição de uma existência realizada. Para a realização humana é necessário a experiência de um todo ordenado e repleto de sentido. Neste sentido, a pós-modernidade perde o sentido e a compreensão da existência enquanto caminho de realização humana. O fechamento do homem sobre si mesmo, sobre o imediato, o particular, o presente e fugaz, não permite a compreensão de uma realidade ordenada, destinada à realização e percebida como processo histórico que rumo ao futuro. A crise, elucidada segundo um linguajar cristão, está no arrefecimento da ordem do cosmos, a partir do qual o ser humano não mais compreende a si mesmo e nem o mundo no qual se encontra.

A educação suplantada por uma cultura da imagem, do imediato e do poder

O processo educacional é um constituinte necessário na formação da consciência e da personalidade humana. É a partir da educação que o ser humano se torna capaz de descobrir a si mesmo e de perceber-se como um sujeito que está imerso num mundo de relações sociais, institucionais, econômicas e religiosas. Essas relações possuem um contato intrínseco com a educação de um sujeito, pois ao mesmo tempo que são educativas, elas dependem da educação para que sejam vivenciadas em toda sua potencialidade. O ato de educar, segundo sua raiz etimológica, evoca movimento, sair de uma situação e chegar-se a outra. Este movimento de mudança impele uma ação do sujeito que se percebe como ser em construção e se torna maleável à influência exterior como meio para a formação de seu próprio ser (SILVA, 2010, p. 36).

Essa abertura ao exterior como meio pelo qual o educando é formado apresenta-se como um paradigma. Até que ponto é o exterior o agente principal na educação de um sujeito? Qual é o limite ético que se impõe a essa relação entre o educador e o educando? Até que ponto o educando deve ser considerado em sua singularidade e em suas percepções da vida? Essas questões estão presentes na pedagogia moderna, não só pensada para os ambientes escolares, mas também numa perspectiva mais ampla de educação. No processo educacional, seja escolar ou não, o ser humano vê-se completamente interpelado por uma gama de fatores externos que incidem sobre ele e o forçam a corresponder a certos comportamentos e expectativas socialmente consolidadas. A interpelação ao sujeito, muitas vezes não leva em consideração as particularidades da pessoa, tornando a educação um fato massificante. Na contemporaneidade, a crise educacional também toca este modelo de educação de massa, no qual o sujeito não é visto em sua singularidade como agente colaborador no processo de construção de si mesmo.

É neste sentido que a educação massificada tem sido suplantada por outros meios de influência externa que escapam aos educadores (ADORNO, 2021, p. 82-83). A mídia, a grande

indústria da moda e da imagem, a cultura da ostentação e do poder, as várias subculturas que valorizam a criminalidade e o desrespeito às instituições, a emergência de uma nova ética na qual os valores que norteiam a ação são radicalmente diferentes, entre outros fatores, têm soado muito mais interessantes aos sujeitos do que a educação que segue os modelos de estímulo, necessidade e correspondência. Os novos meios de comunicação e interação substituem a atenção ao professor e outros agentes educacionais. Criou-se uma cultura paralela na qual outro modo de viver é exposto como o modelo. Este novo modo de ver e pensar tem se refletido nas relações reais, na escola, no mundo do trabalho e no ambiente familiar. Uma cultura marcada pelo desejo de ostentar poder, riqueza e influência, como também pelo aproveitar da vida no exato momento presente impondo a sua personalidade por meio de um poder tirânico sobre os outros, pouco a pouco, ganha espaço numa sociedade cujos modelos educacionais estão defasados (SILVA, 2010).

Uma educação para a paz

A visão pessimista acerca da contemporaneidade não pode ocultar as possibilidades de se pensar um caminho de superação para a crise. A educação não é um caminho falido, nem tampouco é um caminho que pode ser excluído da constituição humana e social. Educar é um processo humano que torna o sujeito capaz de se perceber como alguém dotado de potencialidades possivelmente dispostas ao bem comum. O ato de educar coloca a pessoa diante de si mesma e de um todo maior no qual ela está inserida e é capaz de perceber-se como agente transformador. Ora, é neste sentido que pensar o objetivo da educação colabora para um olhar mais profundo e complexo deste processo como um processo, que nas palavras do cardeal Versaldi, implica numa formulação da moral que supere as diversas formas de violência, imprimindo valores que promovam a paz.

Assim, a educação deve ser pensada como uma atividade a longo prazo, ou seja, um caminho que perpassa todas as etapas da vida do indivíduo, não negligenciando nenhuma das particularidades inerentes a cada etapa. Esta visão de educação permanente deve estar marcada pela proximidade saudável e amigável com o educando. Não há uma educação autêntica sem proximidade e cordialidade para com aquele que é educado. Visto como sujeito ativo no processo educacional, o educando é alguém que deve ser considerado em suas particularidades e reconhecido em suas potencialidades. Por isso, uma educação que se pauta pela esperança não se deixa levar pelo pessimismo estéril, mas abre-se para a esperança de levar o indivíduo a pensar livremente e abraçar a sua existência como meio de transformação conjunta.

Uma atividade a longo prazo

O processo educacional corresponde a um caminho percorrido por toda a vida. Como um processo humano, a educação não se reduz a algum momento da existência, mas é uma vivência que estende sua influência e sua ação em todo o ser do indivíduo. Desde os primeiros momentos da vida, na relação com os pais, familiares e amigos próximos, o ser humano está inserido num processo de formação de personalidade no qual, pouco a pouco, se imprimem traços indelévels.

Uma criança exposta a um ambiente de relações saudáveis e equilibradas terá maior facilidade de interagir segundo as normas sociais estabelecidas, pois foi educada para tal. Uma criança que não foi privilegiada com a mesma oportunidade desenvolverá posturas de vida muito mais agressivas e desconfiadas em relação ao educador. Ora, este processo que se denomina educação é um processo constituinte do modo de ser da pessoa, não sendo então somente um meio útil para o aprendizado das linguagens e operações racionais básicas.

O educar é, desta forma, um meio pelo qual o ser humano constrói seu modo de ser, impregnando-se de valores que, paulatinamente, consolidam uma postura diante do mundo e de si mesmo. Justamente por isso, a educação, segundo a concepção do cardeal Versaldi, está intimamente relacionada à promoção da moral. A educação não pode ser pensada dissociada da formação moral de uma pessoa, uma vez que o agir moralmente de um sujeito depende dos valores éticos que lhe foram apresentados ao longo de seu processo educacional, seja pela escola, seja pela família ou outras instituições responsáveis pela educação. Os valores primordiais de uma vida humana, como a vida, a alteridade, o respeito, a paz, a solidariedade e o cuidado para com o mundo em sua globalidade, são valores impressos por um processo educacional que não se contenta em ensinar aquilo que é obrigatório segundo as normas comuns da educação, mas que dão um passo além, colocando no centro da educação um sujeito que se destina a um fim (SILVA, 2010, p. 118-132).

É nesse sentido que educar é uma atividade a longo prazo. Nesta atividade o centro da atenção é o sujeito, ou seja, aquele ser humano que necessita ser formado e cuidado para que se torne consciente de sua potencialidade transformadora no interior da sociedade. O sujeito que é educado por toda vida segundo uma gama de valores marcados pela ética, pela responsabilidade e pelo cuidado integral para com o conjunto do cosmos, torna-se alguém capaz de redefinir as relações que hoje são construídas segundo as regras de um capitalismo do descarte e da exploração. Uma nova sociedade depende de um processo educacional que a longo prazo aproxime os sujeitos de uma nova possibilidade de existência marcada por valores que visam a plenitude do humano e não ao seu uso como meio.

Educadores motivados pela esperança

A educação compreendida como processo de transformação que tem o sujeito como centro e agente ativo é um dos sonhos mais presentes entre os educadores. O ato de educar constitui na assunção de um compromisso que está diretamente relacionado à esperança. Agostinho já aludia a isso quando elucidava que a educação tem por objetivo levar os homens a Deus e, conseqüentemente, proporcionar-lhes a experiência de uma felicidade incondicional (JORDÃO, 2009, p. 61). Ora, a educação objetiva levar o ser humano a viver uma vida mais plena e feliz. Sem objetivos a educação reduz-se à simples transmissão de saberes técnicos que nada acrescentam no devir da vida humana. Os próprios alunos, frequentemente, questionam sobre o porquê do aprendizado de determinados conteúdos, uma vez que, não veem utilidade futura para aquilo a que estão expostos.

Compreender a educação como um meio pelo qual a sociedade pode se redimir da incrível espiral de violência e crueldade na qual se encontra imersa é a motivação central que todo educador

deve ter em mente. As características pessimistas deste período em que a história se encontra não podem ocultar aquela centelha de esperança que cada educador deve carregar ao se colocar diante dos seus educandos. Os alunos, apesar de muitas vezes estarem radicalmente dispersos, são sujeitos que ocultam em si grandes capacidades, descobertas apenas na proximidade com o educador. O caminho da proximidade, do conhecimento amigo, do trato pessoal com cada um dos educandos, deve levar o educador a perceber sinais de esperança que apontam para algum futuro do trabalho de educar. A desilusão, presente na maioria dos educadores atualmente, não pode suplantar a percepção de que, por baixo de inúmeros obstáculos, existe em cada educando um desejo de superação.

Agostinho, mais uma vez, corrobora para pensar a educação contemporânea quando pensa o ser humano como um sujeito dotado de desejo e inquietações que demandam uma resposta (AGOSTINHO, 1984, p. 15). Neste sentido, o processo de educar deve ser um despertar sempre constante do aluno em relação ao que inquieta, ao que torna a vida uma fonte de dúvidas e questionamentos. A educação, tal qual o modelo grego enfatizava, é um processo que coloca o indivíduo diante dele mesmo com suas questões e busca fazê-lo responder a estes questionamentos por meio da utilização da sua razão. O educador tem esperança de que as questões de cada aluno poderão ser meios eficazes para uma educação que crie situações nas quais o aluno é protagonista na elaboração de suas respostas e na formulação de sua visão de mundo. A esperança de um educador não está no sistema, mas no educando que vai além dos sistemas.

As contribuições de Agostinho de Hipona

A educação é um processo que ocupa a vida do sujeito em sua integralidade. Uma vez que o sujeito vive num determinado espaço de tempo e está inserido na complexidade de seu período histórico, os problemas que emergem da educação somente podem ser tratados no interior do conjunto de fatores que compõe o tempo histórico no qual o sujeito está inserido. Porém, pelo fato do presente ser um momento inserido no caudal de um movimento muito maior de acontecimentos que se influenciam mutuamente, voltar do olhar para o passado não é um sinal de recusa do presente, mas é uma tentativa de buscar no passado orientações e percepções que podem corroborar no desenvolvimento do presente de modo que os horizontes do aqui e agora sejam constantemente alargados sem rejeição do passado.

É nesse sentido que a contribuição de Agostinho de Hipona é pertinente ao pensar a educação contemporânea. Apesar de que viveu no século IV, Agostinho é um dos fundamentos básicos do mundo ocidental no seu modo de ver e pensar. Agostinho é ainda hoje um dos grandes baluartes do pensamento racional e da fé cristã conjugadas em mútua colaboração na construção de um mundo mais humano e digno, capaz de ser um lugar privilegiado de realização (JORDÃO, 2009, p. 11). O pensamento agostiniano, em linhas gerais, trata da educação em um contexto histórico próprio e sob uma perspectiva religiosa. Todavia, tanto o contexto de crise que Agostinho viveu, quanto a perspectiva religiosa de sua obra, muito podem colaborar para que a educação possa recuperar seu senso teleológico, ou seja, seu fim e sua motivação. Por isso, nestes dois momentos finais da reflexão, encetar-se-á observar como a antropologia agostiniana influencia seu modo de pensar a educação e a sensibilidade ao mundo e como o interior de si mesmo colabora na formação de um sujeito capaz de ser alguém realizado.

A antropologia agostiniana marcada pela busca da verdade e da realização

A antropologia agostiniana marca fortemente o mundo ocidental. A percepção de que no ser humano coexistem das dimensões distintas fundamenta o pensamento moderno acerca da supremacia da razão em relação ao mundo material. Ora, esta concepção é distorcida, mas pode ser respaldada pelo pensamento de Agostinho em muitos pontos. Entretanto, a concepção antropológica de Agostinho é de que o ser humano em sua integralidade se encontra marcado pela contingência, ou seja, o ser humano está imerso em uma existência na qual a limitação e a fragilidade são aspectos irrenunciáveis. Devido ao pecado original, o ser humano possui uma razão obscurecida e uma inclinação da vontade para realizar atos maus. A maldade, porém, segundo Agostinho, possui uma conotação mais ampla. A vontade desviada do ser humano deseja realizar atos maus na medida em que o ser humano busca realizar a si mesmo por si mesmo, ou seja, fecha-se sobre si (JORDÃO, 2009, p. 57-61).

O fechar do ser humano sobre si mesmo impede-o de ver aquele desejo mais profundo enraizado em seu coração pelo próprio Criador. O desejo da felicidade que foi impresso por Deus no coração do ser humano constitui-se de uma força que interpela a humanidade a sair constantemente de si mesma para buscar sua realização. Para Agostinho, a inquietação é um aspecto fundamental na construção da personalidade e no conhecimento da verdade. Apenas um ser humano inquieto permite-se interpelar pela vida e buscar um horizonte de sentido para sua própria existência. Assim, a busca pela verdade e o desejo de realização tornam-se duas condições necessárias para a formação do sujeito enquanto ser faltante, ou seja, enquanto alguém que se reconhece incompleto e percebe-se agente ativo no processo de completar-se, de tornar-se pessoa (JORDÃO, 2009, p. 57).

Nesse sentido, a antropologia agostiniana que insere no centro da reflexão o ser humano desejante implica diretamente no processo educacional, tanto no século IV quanto na contemporaneidade. Para Agostinho, o fato do ser humano desejar a verdade implica na necessidade de uma sociedade estruturada de tal modo que possa apresentar ao ser humano os caminhos de acesso para essa verdade. Agostinho enfatiza que a verdade está no interior do ser humano, todavia, o interior do ser humano pode ser acessado com certa facilidade por meio do auxílio de um mundo ordenado e harmonioso no projeto de desvelar a verdade e vivê-la como preanúncio da plenitude futura (JORDÃO, 2009, p. 60-61). É este mundo educado para apontar ao ser humano a verdade que a educação redescobre seu sentido. Ela não é um simples transmitir de saberes e técnicas, mas é o caminho para que o ser humano possa perceber a verdade orientadora de sua vida e doadora de sentido para sua existência, ou seja, para que ele possa se comprometer com uma cosmovisão capaz de ordenar sua existência em prol de uma realidade que lhe proporcione felicidade e dignidade.

Uma educação marcada pela sensibilidade

A educação no pensamento agostiniano, portanto, envolve o ser humano em sua integralidade. Tanto o exterior quanto o interior estão intimamente relacionados no pensamento de Agostinho no processo de formação do sujeito. Do exterior, o ser humano extrai os elementos

captados pela razão que tornam possível concluir a existência de Deus e ordenamento do cosmos rumo a uma finalidade de plenitude que lhe está destinada desde a criação. Agostinho valoriza a observação do mundo exterior como meio para se perceber que o mundo não basta a si mesmo, mas apontam para uma realidade maior (AGOSTINHO, 1984, p. 270-273). Do interior, Agostinho expressa o percurso de autoconhecimento necessário para todo o ser humano como via de perceber-se como uma criatura limitada, mas ao mesmo tempo aparada pela Graça divina. A percepção, em resumo, tem um papel preponderante na teoria do conhecimento de Agostinho (AGOSTINHO, 1984, p. 295).

A complexidade do pensamento agostiniano no que tange ao conhecimento não pode ser abordada nesta breve reflexão, mas seus aspectos fundamentais podem ser sintetizados na categoria da sensibilidade. O ser humano é chamado a ser sensível para as realidades que o cercam, sejam elas realidades exteriores ou interiores. A sensibilidade, ou seja, a capacidade de perceber-se como um sujeito que está inserido em determinado contexto e que este contexto influencia diretamente a própria existência é um pressuposto necessário para uma educação que se queira eficaz. Agostinho enfatiza a sensibilidade como uma virtude do ser humano, especialmente do educador, que deve ser uma percepção aguçada de seus destinatários e oferecer-lhes aquilo que realmente pode ser edificante sem se perder em assuntos secundários (JORDÃO, 2009, p. 93). Para Agostinho, a educação visa formar o ser humano para a abertura à percepção de Deus e de sua ação, como também para a percepção do mundo em sua complexidade. É a partir desta percepção, fornecida pela educação, que o ser humano poderá viver moralmente regrado em vistas da felicidade.

Enfim, o processo educacional, segundo Agostinho, é um processo de formação da consciência para que o ser humano se torne mais sensível à realidade e perceba as inquietações que o movem e para onde o move. O ser humano sensibilizado, ou seja, aberto para o mundo e para o transcendente, percebe que o universo está ordenado segundo um desejo maior, que este ordenamento foi ferido pelo pecado, mas que o ser humano tem potencial para diminuir as consequências da desordem causada pelo mal na medida em que molda seu coração segundo a verdade. A proximidade com a verdade, que é ao mesmo tempo racional, conceitual e abstrata, como também experiencial, colabora para que o ser humano seja redescoberto como imagem de Deus e assuma sua responsabilidade na manutenção da ordem cósmica que garanta a felicidade e a realização humana. Nesse sentido, a educação objetiva colaborar com o ser humano na descoberta de si mesmo e do mundo como realidades profundamente interligadas que tendem para a plenitude (JORDÃO, 2009, p. 112-117).

Conclusão

A conferência proferida pelo Cardeal Giuseppe Versaldi que serve como texto inspirador para esta reflexão – “Uma educação para a paz” – possui um fundo teórico profundamente marcado pela visão agostiniana do mundo. Deste fato nasceu a ideia de redescobrir as relações existentes entre os desafios educacionais contemporâneos e a concepção de mundo de Agostinho. Assim, mesmo como um pensador do século IV, ele ainda pode influenciar ou colaborar com a educação na pós-modernidade. Nesse sentido, a apresentação das características da pós-modernidade e suas implicações no mundo educacional, como também a percepção da educação como um

processo de longo prazo e imbuída de diversos fatores, colaboraram para a observação do terreno no qual a reflexão sobre a educação deve se desenvolver, inclusive para pensar a educação como esperança, como capacidade de ver potencialidades na proximidade com as gerações mais jovens que serão responsáveis pelo futuro da história.

Enfim, a contribuição de Agostinho de Hipona para a educação contemporânea se dá na redescoberta da integralidade deste processo no qual fatores internos e externos se relacionam mutuamente na construção da personalidade de um sujeito. Agostinho enfatiza que a educação é um processo que deve levar à sensibilidade, ou seja, à capacidade de o ser humano perceber-se como ser imerso em uma realidade que ao mesmo tempo é imanente e transcendente. Esta tensão que permeia a existência humana convida o ser humano a sair de si para buscar a realização e a verdade, percebendo, desta forma, que o desejo de Deus para toda a criação é a plenitude. Justamente por isso, a plenitude e a realização devem ser os fins para os quais a educação tende. Uma educação que se queira eficaz não pode se fechar na transmissão de conhecimentos abstratos, mas deve colaborar para que o ser humano se realize como pessoa, como agente no interior do mundo, como sujeito capaz de ser feliz. A educação é o caminho pelo qual se promove uma sociedade mais próxima da plenitude almejada, por isso, a educação é um caminho que tenciona para a paz.

Referências

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. 22. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOFF, L. *Crise, oportunidade de crescimento*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JORDÃO, E. *Agostinho: educação e fé na Cidade de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Tradução Ricardo Correa Barbosa. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- OLIVEIRA, M. Pós-modernidade: abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, J. A; GONÇALVES, P. S. L. *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SILVA, N. *Ética, indisciplina & violência nas escolas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.